Chapman, A. H. *The games children play*. C. P. New York, Putnam's Sons, 1971. 250 p.

The games children play é um livro de divulgação, destinado ao público leigo, mais especialmente aos pais. Inclui 10 capítulos, abrangendo conceitos básicos do desenvolvimento emocional, desde a infância até a adolescência. Os assuntos tratados podem ser condensados num tema básico que é o relacionamento da criança com o mundo em que vive: pais, irmãos, escola, professores. Refere-se o livro ainda a problemas psicossomáticos, bem como à sexualidade infantil e aos problemas típicos da adolescência, tais como liberdade e responsabilidade. Um capítulo especial refere-se ao uso de drogas. O livro termina com o estudo da repercussão dos problemas emocionais da infância e da adolescência na vida adulta.

A forma de apresentação — cenas da vida quotidiana, na maioria das vezes entre pais e filhos — é das mais convenientes, evitando a intelectualização e procurando refletir ao vivo o diálogo entre os familiares. As noções teóricas são intercaladas entre os exemplos e expressas em linguagem clara, acessível ao público a que se destina o livro.

A cada situação correspondem quase sempre dois exemplos de cenas, um deles refletindo o manejo negativo, seguido pela ilustração da melhor maneira de conduzir o conflito na mesma situação. Por meio desses exemplos, o autor pretende mostrar os efeitos da conscientização como processo de estabelecer padrões de relacionamento adequado. A primeira restrição que se pode fazer ao livro diz respeito à utilização de exemplos negativos, como uma constante. Estes são sabidamente contra-indicados em publicações pedagógicas e de divulgação, já que para pessoas menos tranqüilas ou menos esclarecidas, pode ocorrer exatamente a fixação do erro. Ainda que citados, esses exemplos de manejo inadequado poderiam ser dispostos ou apresentados de maneira que não ocupassem a atenção do leitor no mesmo nível do exemplo correto.

A outra restrição, embora envolvendo convicções pessoais na área das teorias psicológicas, diz respeito à excessiva carga que se depreende de todo o texto, na responsabilidade dos pais e de sua atuação quanto aos problemas dos filhos e à repercussão desses problemas na vida adulta. Assim fazendo, parece-nos que o autor reforça o efeito negativo a que ele próprio se refere, nas páginas 73 e 74, quanto à intensificação da culpa dos pais, conduzindo ao "bloqueio na solução das tensões causais interpessoais na vida de seus filhos".

Conforme declara na introdução, Chapman baseia-se nas teorias de Sullivan, adotando portanto uma posição culturalista. Seu conceito de culpa, por exemplo, é expresso na página 49: "culpa é um fenômeno

interpessoal. O indivíduo só a desenvolve porque outras pessoas a produziram nele. Não ocorre espontaneamente dentro dele". Tal conceito de culpa nos parece pobre e parcial. Deixa de lado, omite, ou nega a contribuição da fantasia, dos ataques que nela se processam em relação aos pais, tornando-os persecutórios mesmo que, na realidade, não o sejam.

Desta maneira, se por um lado a forma de apresentação torna o livro muito acessível e sobretudo muito ao gosto americano, partindo da ilustração das cenas familiares — *"games"* — para os conceitos e noções, seu conteúdo aborda assuntos de grande interesse do público, à base de uma fundamentação teórica, a nosso ver, deficiente.

Não se pode negar a influência de situações externas no desenvolvimento emocional, seja para favorecê-lo ou para prejudicá-lo. O comportamento da família e a forma de relacionamento dos pais com a criança é, sem dúvida, de grande importância. A falha está em considerar que *todos* os problemas dependem exclusivamente desse relacionamento e que a melhor maneira de estabelecê-lo seria capaz, por si só, de remover todas as dificuldades emocionais, como nos parece ser o ponto de vista do autor.

ELISA DIAS VELLOSO